

SUPERANDO A NEGATIVIDADE

Saudações e bênçãos para todos os amigos presentes. Vou dar início imediatamente a esta palestra, que é a continuação da última. Para os amigos que não ouviram, ou melhor, não estudaram a última palestra, será difícil entender de fato essa sequência. Falamos sobre a importância da mente, da consciência de seus poderes e aspectos criativos. Falamos também sobre a criação negativa, que é um processo permanente em todo ser humano. Pois, se vocês estivessem livres da criação negativa, se não estivessem negativamente envolvidos com a criação, não seriam humanos, não viveriam neste plano de consciência, que indica algum grau de desenvolvimento. Em geral o homem tem um bom grau de liberdade, de modo que cria positivamente até certo ponto. Mas a criação negativa, em diversos graus, continua presente em sua psique. Isso significa que a tarefa do homem, nesta esfera, é lutar para libertar-se cada vez mais do emaranhado de negatividade. Não é fácil, pois o homem fica fascinado por qualquer processo criativo, não querendo abrir mão dele. Simultaneamente, o homem passa a se envolver mais com círculos viciosos, dos quais parece difícil sair. Minha tarefa agora é ajudar vocês, passo a passo, a acabarem com o domínio do envolvimento negativo que distorceu os processos criativos.

Continuarei com os aspectos específicos que são pontos de especial interesse neste caminho. Muitos dos meus amigos começam a encontrar em si mesmos a verdade, a realidade da sua própria negatividade, e a descobrir que sua negatividade é até mesmo intencional – e conseguem enxergar o quanto se agarram a ela. O fato de ter sido dado esse passo tem uma importância enorme. Não se pode pensar em uma diferença maior entre seres humanos do que aquela que existe entre os que sabem que criam seu próprio destino, que desejam ser negativos, que – por mais indesejável que possa parecer – continuam a manter essa atitude de negatividade, e aqueles que ignoram esse fato.

Qualquer pessoa que esteja trilhando qualquer caminho que realmente leve à percepção do eu universal tem necessariamente que chegar a esse insight. Caso contrário, o caminho que ele segue leva à ilusão e trata apenas de especulação teórica ou idealização alienada, e não de uma experiência real de vida.

Assim, meus amigos, como são humanos, todos vocês estão envolvidos com a criatividade negativa. As suas atitudes e sentimentos intencionalmente negativos, aos quais vocês não querem renunciar, são uma criação. Acreditar que a infelicidade, o sofrimento de vocês é imposto pelos outros, pela vida, é uma bobagem total. É insano por parte da humanidade acreditar que a infelicidade possa ter origem em algo exterior, fora do eu. Vocês já sabem isso em teoria há muito, muito tempo, pois certamente já falei sobre isso. E vocês repetem isso, da boca para fora. Mas, há uma enorme diferença entre a crença intelectual nessa filosofia e a percepção nítida de que vocês de fato criam negativamente, que a própria infelicidade que deploram e pela qual responsabilizam os outros é provocada por atitudes negativas que, na verdade, lhes agradam e que querem manter. Se vocês atribuírem suas frustrações, sua não realização, suas dores, à sociedade, vocês estarão errando totalmente o alvo. Isso

não quer dizer que os males que vocês vêem na sociedade não existam de verdade. Eles existem. Mas eles não poderiam os afetar de fato se vocês não estivessem totalmente, e ainda inconscientemente, contribuindo para esses males da sociedade que tanto deploram, através do negativismo que exprimem na vida privada.

Pode ser difícil para quem ainda está bem no início de um caminho como este, acreditar nessa verdade. Mas uma vez que estejam realmente envolvidos no caminho, acabarão entendendo que é exatamente assim. Vocês não são nunca a vítima inocente, e a própria sociedade não é senão a soma, o produto da constante produção e criação negativas de vocês e de muitas outras pessoas. Essa percepção, a princípio, é chocante e dolorosa, mas somente enquanto não estiverem dispostos a renunciar à negatividade. Nesse caso, vocês efetivamente precisam da ilusão de que os outros é que agem. Vocês esperam chegar ao estado de contentamento sem enfrentar o que existe em vocês que torna isso impossível. Vocês esperam se tornar seres que realmente se aceitem e se respeitem sem abrir mão daquilo que prejudica a sua integridade. Assim, vivem na ilusão de que as coisas são feitas pelos outros, a quem podem culpar e de quem, supostamente, vocês são as vítimas. Esse é um dos famosos e muito frequentes “jogos” de fingimento que foram desnudados por muitos dos meus amigos de várias formas. Depois que se abandona essas ilusões e a intenção de enganar, a percepção do seu próprio poder de criação – sempre em ação, embora talvez ainda, sobretudo pelo lado negativo – é uma revelação, uma liberação tão maravilhosa como foi grande o choque inicial.

Eu gostaria de discutir agora os vários passos necessários para achar a saída desse labirinto de ilusão e produção negativa, no qual vocês, parecem estar tão inextricável e inexoravelmente presos. Evidentemente, o primeiro passo precisa ser descobrir, determinar, reconhecer, ver, aceitar e observar suas próprias atitudes negativas, os sentimentos negativos, as mentiras sutis, a intenção de enganar, a resistência, desdenhosa e destrutiva, aos bons sentimentos. Tudo isso é criação negativa. Como essas palestras são endereçadas em especial aos amigos que trabalham de um modo muito pessoal e dinâmico em prol do seu próprio crescimento, que trabalham, sistematicamente, nessa direção, eu poderia dizer que a maioria de vocês já conhece, até certo ponto, essa produção negativa intencional. Mas, é importante, tomarem mais consciência dela, observá-la com mais distanciamento. Esse é o primeiro passo.

O segundo passo é questionar, bem profundamente, qual é a sua reação, os seus sentimentos com relação a essa produção negativa, seja ela qual for no seu caso específico, questionar o seu propósito, a sua intenção escolhida. Vocês verão que gostam dela, encontram uma espécie de prazer nela, e não querem renunciar a ela. Eu falei na última palestra sobre o aspecto agradável da criação, que também se aplica à criação negativa. É absolutamente necessário que sintam e admitam isso. Mesmo que entendam, em termos gerais e vagos, que isso é destrutivo e de alguma forma errado, vocês continuam fascinados pelo prazer perverso que a produção negativa lhes proporciona. É fundamental admitir isso. Caso contrário, não conseguirão crescer e superar o sofrimento, nem atingir a identidade espiritual pela qual anseiam.

O terceiro passo é que as consequências e ramificações exatas da sua produção negativa precisam ser minuciosamente examinadas até o fim, sem ignorar ou passar por cima de nenhum detalhe, nenhum efeito direto ou indireto. A percepção e o entendimento exato dos efeitos prejudiciais sobre vocês e sobre os outros precisam se tornar muito claros. Não adianta aplacar o sentimento de culpa por toda a negação criativa tentando se convencer de que vocês só prejudicam a si mesmos. É preciso entender que vocês não podem prejudicar a si mesmos sem também prejudicar os outros, assim

como não podem prejudicar os outros sem prejudicar a si mesmos. Essa não é uma lei da retribuição de uma autoridade vingativa nos céus. É assim porque todos, nós todos, todas as pessoas são um eu universal. Assim, o que acontece a vocês, acontece necessariamente a todos os outros, e vice-versa. É impensável que alguma coisa que exerce um efeito negativo sobre vocês não afete também os outros. O ódio por si mesmo, por exemplo, também se manifesta como a incapacidade de amar, ou mesmo a compulsão por odiar os outros. Esse é apenas um exemplo. Isso também não é teoria. Isso também é uma constatação, mas somente quando vocês de fato dão esses passos.

O terceiro passo consiste em ver que o prazer que vocês obtêm com a produção negativa nunca vale o preço exorbitante que pagam; que tudo o que mais deploram em si mesmos e em sua experiência de vida é o resultado direto disso; que vocês sacrificam a alegria, a paz, a autoestima, a segurança interior, a expansão e o crescimento, o prazer em todas as dimensões do seu ser, a existência significativa e sem medo. Tudo isso e mais ainda jamais pode se equiparar ao prazer perverso da criação negativa.

Também é preciso ver como a sua criação negativa afeta os outros. É preciso ver que uma parte profunda de vocês sabe disso muito bem e, justificadamente, se sente culpada, faz com que vocês se odeiem e se punam, e os privam das verdadeiras satisfações da vida. Vocês precisam entender que a vida sem culpa só pode existir quando se abre mão da criação negativa. Até mesmo o desejo sincero e sério de assim proceder vai trazer um alívio.

Ainda outro aspecto do terceiro passo é procurar entender que aquilo a que precisam renunciar não é o prazer de ser destrutivo nos sentimentos e atitudes; que, na verdade, esse mesmo prazer será transferido para a criação positiva, quando poderão se expandir com alegria e sem culpa, sem pagar o pesado preço que pagam na situação negativa, sem sacrificar a própria vida – e isso não é exagero. Em resumo, trabalhar exatamente e até o fim a causa e efeito, ver os resultados e as ligações, é o aspecto mais essencial que torna possível querer renunciar à negatividade. Sem isso, a motivação jamais passa a ser forte o suficiente. Não basta ter consciência da destruição intencional. É preciso admitir o fato de não querer abrir mão dela. É preciso ver o preço que se paga. Dessa forma, vocês adquirem consciência, intensa e experimental, da causa da criação negativa, e do efeito dela sobre vocês. É preciso fazer essa ligação. É preciso ver com muita clareza que aquilo que os torna mais infelizes – suas ansiedades, preocupações, falta de amor próprio, inseguranças, descontentamento com a vida, frustrações, sensação de desperdiçar a si mesmo e à vida, o sofrimento e a dor – tudo isso são efeitos e resultados diretos das atitudes negativas, tomadas deliberadamente. No segundo passo vocês ainda estão separados dos efeitos. Talvez vejam a causa – sua destrutividade, que admitem, mas ainda não percebem a ligação dela com tudo o que deploram na vida. O elo entre causa e efeito continua ausente. Enquanto esse elo não for estabelecido, não há como de fato abrir mão da negatividade. Vocês precisam perceber o alto preço que pagam, para terem uma motivação real para querer abrir mão. Renunciar porque devem fazê-lo, porque sabem que é algo errado ou prejudicial para si mesmos e para os outros – em termos assim tão vagos, vocês nunca vão conseguir. É preciso estabelecer a ligação específica. E esse passo é mais fácil do que chegar ao segundo passo.

Eu diria que um dos avanços mais difíceis deste caminho é atingir o segundo passo: adquirir consciência plena da sua própria criação negativa, através de atitudes destrutivas que vocês mesmos escolheram. Há uma diferença abismal entre esse estado e o estado anterior, no qual vocês projetam a sua infelicidade no mundo – culpam o mundo, culpam os outros, sem ver que a causa está em vo-

cês. Talvez, mesmo depois de admitirem esse fato, vocês continuem culpando os outros, mas não exatamente na mesma medida. Assim, o segundo passo é o de importância mais fundamental. Ele significa conhecer o seu poder, a sua identidade. Na medida em que vêem em si mesmos esse processo criativo na sua face negativa, na mesma medida vocês vislumbram o que poderão fazer para gerar belas experiências de vida. O segundo passo pode ser o mais difícil de alcançar. Sem dúvida ele constitui a mais radical mudança de autopercepção e percepção dos processos da vida. No entanto, trabalhar o terceiro passo é igualmente importante, pois sem ele, como eu disse, fica faltando a motivação. Mas o terceiro passo não apresenta nem a metade da dificuldade e nunca encontra tanta resistência como o segundo.

Quando vocês começam a descobrir na criação positiva a mesma fascinação da negativa – no entanto, sem ser desfigurada pelo sofrimento, culpa, medo e autoacusação –, o mundo se abre para vocês com tal beleza e luminosidade que não há palavras para descrever. Vocês sentirão a liberdade de criar a vida que escolherem.

Em conjunto com esse elo, e também para facilitar sua concretização – e também como uma parte muito substancial do seu processo de autoconhecimento e autoaceitação – vocês vão reconhecer a destrutividade e negativismo sem obstruções, sem ocultamento, por trás de diversas espécies de fachadas. Há vários anos estamos discutindo e trabalhando os disfarces, as defesas, os jogos e as tramas, as autoimagens idealizadas, as formas específicas de negação que vocês usam para esconder a destrutividade. Todas essas máscaras são hipócritas. Elas sempre mostram o oposto daquilo que vocês rejeitam e não gostam em si mesmos. Esses disfarces são, na verdade, infinitamente mais insidiosos e prejudiciais do que a destrutividade em si. Pois uma vez que vocês enfrentem a destrutividade nua e crua, vocês se defrontam com uma verdade em si mesmos. Isso representa uma oportunidade real de escolher o seu rumo futuro. Mas enquanto ainda estão envolvidos em disfarces, papéis e jogos, não conseguem chegar ao âmago do seu distúrbio. O sofrimento aumenta, pois vocês ficam apartados da causa do seu estado, e por isso sentem-se cada vez mais isolados e impotentes.

Para se esconder dos outros, e principalmente de si mesmos, vocês produzem algo que parece ser o oposto daquilo que desejam ocultar. O papel passa a ser uma segunda natureza, mas que nada tem a ver com vocês. É meramente um hábito do qual não conseguem se livrar enquanto não estiverem dispostos a olhar o que está por trás dele. É particularmente importante que vocês perciam a ilusão com a imagem que projetam no mundo e de cuja autenticidade procuram tão arduamente se convencer. É preciso desmascarar a artificialidade desse papel que vocês adotam. Ele parece ser bom de certa forma, mesmo que seja porque vocês fingem ser vítimas. Mas vocês precisam analisar com exatidão e entender em detalhes esse papel para ver que não é nada do que vocês fingem que é. Ele nunca é bom; vocês nunca são tão inocentes, nem os outros tão vis. Mas por outro lado, vocês também não são tão irrecuperavelmente maus e inaceitáveis como acreditam que são, por baixo desse papel. O papel transmite o oposto não apenas do que vocês realmente são, mas também daquilo que acreditam ser.

No entanto, o papel falso contém os mesmos aspectos que vocês procuram com tanto afincado ocultar. Se vocês escondem, e o seu papel é o de ser perseguido pelo ódio e acusações injustas dos outros, é no disfarce que está o próprio ódio. A fachada, ou papel, nunca é inerentemente diferente daquilo que cobre. A atitude de fingir ser vítima do ódio dos outros é uma atitude de ódio. Esse é apenas um exemplo. Vamos discutir muitos outros. É preciso desvestir o próprio jogo, não apenas em relação ao que ele oculta, mas também em relação a seus aspectos e o que eles realmente signifi-

cam. A energia negativa tem envolvimento total nessa imagem apresentada. Para tornar isso mais claro e permitir um entendimento mais dinâmico, sugiro, meus amigos, que vocês me apresentem o seu papel-máscara e o que ele esconde. Qualquer pessoa que tenha chegado até esse ponto no trabalho de autodescoberta e esteja ciente do que expus acima não deve hesitar – mesmo que a princípio pareça constrangedor – e me apresentar sua descoberta pessoal a esse respeito. Depois disso, vou começar a ajudá-los a verem algumas das ramificações, como discutido nesta palestra, para ajudar a avançar mais rapidamente para alterar o rumo de sua vida. A aparente exposição vale o resultado que se obterá. Essa abordagem direta e pessoal é muito melhor do que se eu escolhesse exemplos ao acaso. Também vai ser proveitoso para ajudar outros amigos que ainda não descobriram sua destrutividade e a capa com a qual decidiram ocultá-la. Podemos fazer isso hoje, após a palestra, e da próxima vez, na sessão de perguntas e respostas. Vamos dedicar o maior tempo possível aos vários papéis que vocês escolheram. Vamos dar nome a esses papéis, com frases simples que descrevam o que eles pretendem transmitir. Também vou mostrar como o próprio papel – na maioria das vezes, pretensamente angelical – é tão destrutivo como o que se esconde por trás dele. Na verdade, não poderia ser diferente, porque vocês não podem ocultar a energia das correntes da alma. Vocês não podem modificá-las com disfarces, por mais que se empenhem em transformar a vida em uma charada.

O papel ou jogo que vocês adotam, acreditando na ilusão de que ele elimina a sua destrutividade intencional, é a primeira camada a ser confrontada. Depois, pode-se começar com os passos descritos. Às vezes esses passos se sobrepõem.

Quanto mais entenderem o jogo que jogam com a vida – no qual perdem sempre – , enquanto mantêm o falso papel que encobre suas atitudes destrutivas, tanto mais ficarão motivados para deixar tudo isso para trás. A vontade de vocês ficará mais forte. E com isso vocês chegarão ao quarto passo, que é o verdadeiro processo de recriação da substância da alma. Através da meditação, da prece, da formulação de pensamentos intencionais de verdade sobre toda essa questão, subsequentemente gravados no material psíquico destrutivo, a recriação tem início, continua e vocês vão se tornando mais aptos no processo. Quando vocês descobrem, repetidas vezes, a sua vontade de odiar, não perdoar, punir, ressentir-se e magoar, a sua tentativa de exagerar e trazer à tona velhas feridas, o seu ato muito intencional de punir os outros, por aquilo que os seus pais lhes fizeram, (ou vocês acreditam que fizeram), a sua recusa em ver as falhas dos outros como outra coisa senão um ato intencional de ódio a vocês, e quando percebem que sentem prazer em revolver tudo isso no seu íntimo e absolutamente não alteram sua perspectiva e atitude, nem seus pensamentos, é nesse momento que podem começar a recriar. Quando percebem a falsidade dos seus simulacros, é nesse momento que podem querer ver o que está por baixo dessa fachada de culpa e vitimização, seja qual for o disfarce usado em cada caso. O seu sentimento de ter sido ferido parece a princípio ser muito real, e a constatação de que ele absolutamente não é real exige uma investigação mais profunda. São hábitos cultivados. Esses são os papéis que vocês desempenham, e que aparentam ser a verdadeira personalidade. Cada reconhecimento objetivo do fingimento – o fingimento do seu papel e o fingimento das mágoas sofridas como causa das emoções negativas em relação às pessoas e à experiência de vida – permite que vocês queiram ser mais verdadeiros, abandonar essas falsidades, e encarar a vida com atitudes reais e honestas. Expressar essa intenção e invocar poderes superiores dentro de si mesmos, para ajudá-los, é o quarto passo.

Outro aspecto do quarto passo é fazer uma pergunta concisa ao mais recôndito do seu ser – o que pode ser usado em vez disso para funcionar na vida? O que se sente ao criar maneiras melhores

de reagir às experiências de vida? Algo novo surgirá. Através desse processo de recriação, reações saudáveis, flexíveis, adequadas e autênticas passarão a ser a sua segunda natureza, que vocês não precisarão ocultar. Nesse processo de recriação, enunciem em frases muito concisas que, o que vocês fazem não funciona, porque não funciona e que vocês querem agir de modo diferente. Essas frases, se sinceras, têm grande poder criativo. Elas podem ter significado, elas precisam ter significado, quando vocês adquirem uma percepção completa do que estão fazendo quando se mantêm em suas velhas atitudes.

Esses são os passos da purificação da maneira mais profunda e vital. A purificação é impensável sem passar por esses passos. A purificação é impensável sem receber ajuda ativa. Para a pessoa sozinha, é difícil demais. Está totalmente iludido quem espera, consciente ou inconscientemente, que o enfrentamento desses aspectos do ser podem ser evitados, pulados, contornados ou eliminados por algum meio “espiritual” mágico. O autoconhecimento, ou a concretização do potencial, ou a chegada ao seu centro espiritual – ou qualquer outro nome que vocês queiram usar para descrever a meta de todos os seres vivos – não pode ocorrer se não encararem suas mais profundas negatividades e hipocrisias, o propósito intencional de ser negativo e destrutivo, rancoroso, ressentido, muitas vezes a ponto de abrir mão da própria felicidade para punir alguém do seu passado. Isso é doloroso ou, de qualquer modo, parece doloroso a princípio. Mas na mesma medida em que é doloroso a princípio, também é libertador.

É aqui que estamos, meus amigos. Aqueles de vocês que ainda não chegaram a essa percepção de si mesmos, no seu caminho individual, chegarão a ela. Vocês precisam saber que precisam chegar lá e preparar-se para isso. Vocês não podem deixar entrar a felicidade em sua alma, não podem eliminar o sentimento generalizado de culpa que procuram explicar atribuindo-lhe motivos falsos, enquanto não derem esses passos. Por mais que acreditem agora que os outros, ou os caprichos da vida, os privam daquilo que desejam, na verdade são vocês que fazem isso. Pois vocês podem receber o que a vida está sempre pronta a dar a vocês com tanta abundância, desde que abram espaço na sua consciência e na sua criação pessoal. São muitas as pessoas que querem elevar-se espiritualmente mas que abrigam a ilusão, não enunciada, de que é possível evitar o que estou expondo aqui. Elas vão de um lado para outro e sempre que se deparam com a desagradável verdade a seu próprio respeito, fogem. A necessidade imaginária de fugir também revela ser uma ilusão. Não há necessidade de fugir de si mesmo. Não há mesmo.

Sempre que as atitudes destrutivas não são enfrentadas e modificadas, o homem vive na mais dolorosa ambivalência. Ele não pode jamais ir numa só direção quando quer ser negativo. Sempre existe o eu real que clama pela realidade última e puxa na direção oposta. A unificação da direção interior só pode ocorrer quando a personalidade é verdadeira e autenticamente construtiva, sem destrutividade oculta. Vocês percebem a dor de ser puxado em duas direções opostas? Talvez essa luta seja mais dolorosa e perturbadora, mais paralisante do que qualquer outra coisa que acontece na psique humana.

Para restaurar a pessoa que vocês foram um dia, antes de se envolverem na criação negativa – muito antes da vida nesta terra –, para voltarem a ser o que são em essência e em última análise, aquilo que vocês sempre foram e que sempre serão, vocês precisam testar e considerar a possibilidade da criação positiva. Nesse momento, vocês verão que, na realidade, ela é muito mais natural e fácil. É um processo orgânico, enquanto, a criação negativa, as atitudes destrutivas, são artificiais e inventadas, embora vocês estejam tão habituados a elas, que elas pareçam mais naturais. O positivo

não exige esforço. À primeira vista, parece que é grande demais o esforço para abandonar o negativo, que se tornou uma segunda natureza para vocês. Parece ser assim porque ainda acreditam que, ao renunciar ao negativismo, vocês criam o positivismo, como uma coisa nova. Se fosse assim, na maioria dos casos seria mesmo impossível. Mas assim que perceberem que a criação positiva já está dentro de vocês, só que encoberta, e que ela pode desdobrar-se e revelar-se no momento em que deixarem que isso aconteça, renunciar à negatividade passa a significar aliviar-se de uma pesada carga que vocês arrastaram durante toda a vida – e em muitas vidas antes desta. Quando vocês odeiam, quando desconfiam, quando olham as coisas pelo lado negativo, quando impedem um resultado favorável por esperarem o pior, já existe em vocês algo que ama, confia, sabe que a vida é boa e digna de confiança. Já existe isso e muito mais, que só é preciso deixar aflorar, como o sol que sai de trás das nuvens. Vocês verão que é possível sentir isso no íntimo. Ao mesmo tempo, vocês sentirão a profunda alegria que impregna todo o ser de uma pessoa que faz essa descoberta. Alguns de meus amigos já sentiram isso vez por outra, e seu modo de reconquistar essa realidade final não é assim tão difícil.

Quando dizemos que Deus está no homem, é exatamente isso que queremos dizer. Não é apenas essa consciência fabulosa, com sua sabedoria infinita da ordem mais pessoal sempre que vocês precisam dela; não são apenas os poderes da força e energia criativas; e não são apenas os sentimentos de contentamento, alegria, prazer supremo em todos os níveis. Tudo isso existe, é claro. Mas também, logo abaixo da superfície, onde vocês estão doentes com seu negativismo, existe uma vida nova e velha, na qual todas as reações a todas as contingências possíveis são claras, fortes, totalmente certas para cada ocasião, deixando-os completamente satisfeitos. A resiliência e a criatividade de reagir já existe agora por trás dos falsos papéis do fingimento, por trás do apego à destrutividade. Por baixo do amortecimento exterior, já existe agora uma vivacidade efervescente. A princípio, ela brilhará apenas em alguns momentos. Mas no fim se manifestará como o seu estado constante.

Antes de poderem viver nesse estado constante, vocês precisarão atravessar duas fases básicas que lidam com a negatividade que ainda envolve o homem. A maioria dos seres humanos ainda se acha na primeira fase básica da negatividade. Essa fase é a negatividade iniciadora. A segunda fase é a negatividade reativa. Na primeira fase, a pessoa reage automaticamente às situações com o padrão destrutivo que adotou depois de algumas experiências traumáticas no começo da vida. Ela mantém as respostas negativas que, em algum momento da infância, não podia deixar de produzir e que naquela ocasião, naquelas circunstâncias, serviram até para preservar a vida. Mas quando essas mesmas respostas são dadas em situações posteriores, quando não há razão para elas, elas não são apenas aquilo que se chama de “neurose”, mas também a negatividade iniciadora, independentemente do fato de as outras pessoas envolvidas agirem ou não como os pais. Os quatro passos que expliquei nesta palestra são voltados para essa primeira fase. Quando um número maior dos meus amigos se aproximar da segunda fase, vamos discutir meios de ajuda-los a superar a negatividade que é meramente reativa, ou seja, essa pessoa já se libertou da negatividade iniciadora e tem clareza a esse respeito. A reação dela é positiva sempre que os outros não reagem negativamente a ela. Mas a negatividade ainda aparece como reação, como resultado da negatividade dos outros. Vocês poderiam dizer que isso é perfeitamente natural. Aliás, tudo ou qualquer coisa é “perfeitamente natural”. Mas ainda não se trata do estado de purificação. Não é o estado da verdade. É uma ilusão ter de reagir dessa maneira. Também nesse caso existe uma maneira melhor de reagir. Mesmo que a outra pessoa descarregue de fato um bocado de hostilidade não justificada em cima de vocês, é uma ilusão ter medo e levantar as defesas negativas. Vocês podem se defender muito melhor sem se retrair, sem assumir nenhuma defensividade, sem ter sentimentos destrutivos. Não é preciso julgar a vida árida e

sem esperança porque alguém teve uma atitude destrutiva com vocês. Portanto, essa negatividade reativa também precisa ser corrigida. Mas isso só pode ser feito depois da eliminação da negatividade iniciadora. A maior parte da raça humana, incluindo todos aqueles com quem estou falando, ainda está na primeira fase. Sempre que vocês passam pela menor contrariedade, por alguma frustração, a tendência é retomar as reações originais de negatividade. Em muitos casos, vocês até fazem isso por “precaução”, só porque poderiam passar por uma frustração, atraso, crítica ou negatividade por parte dos outros.

Agora, bem como no nosso próximo encontro, vamos discutir alguns dos papéis e jogos que vocês usam para encobrir sentimentos e atitudes destrutivos, e eu vou ajuda-los a verem as ramificações que os levam à derrota.

Creio que a maioria de vocês percebe a importância desta palestra – de novo, é claro, apenas se a usarem na própria vida, e não como uma simples discussão teórica. Ela vai mostrar seu significado vital na curva evolutiva. Bênçãos para vocês. A todos os presentes dou meu amor e minha força.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.